CBHE037538

CORRÊA, Villas-Boas. O doutor Júlio do Estadão. Jornal do Brasil, Campinas, 06 jun. 1996.

O doutor Julio de

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Quando comecei a trabalhar na sucursal carioca de *O Estado de S. Paulo*, em julho de 58, data conferida no registro da carteira de trabalho, o jornal vivia período fervilhante de modernização, já consolidada, mas não concluída, e disparava em tiragem e prestígio.

O segundo da dinastia familiar, doutor Julio de Mesquita Filho, cinqüentão sacudido, de porte imponente, rosto austero, com as marcas sanguíneas na vermelhidão acentuada nas bochechas e no nariz, exercia plenamente a autoridade do comando do seu gabinete de portas abertas, dando para a redação instalada no centro de São Paulo, na Rua Major Quedinho, em prédio próprio e equipado com a última palavra em composição e impressão. Participava ativamente da rotina da redação, que freqüentava com assiduidade para ver como iam as coisas e passar alguma recomendação.

Mas o centro da redação, seu pólo nervoso, era imediatamente percebido ao primeiro relance. A principiar pela singularidade da localização: quatro mesas grandes encostadas de frente, formando um quadrado, ocupado pela terceira geração que se adestrava para ocupar as chefias na próxima virada da vida. Quatro que, na verdade, eram três: Julio Mesquita Neto, herdeiro do nome e, portanto, da direção da empresa; o irmão do meio, Ruy Mesquita e o caçula, Luiz Carlos Mesquita, o Carlão. Na quarta cadeira, sentava-se Cláudio Abramo.

De incomum, portanto, além da direção plantada no imenso espaço da redação, visível e disponível ao acesso dos editores, repórteres e da interminável fila de visitantes, a fraterna convivência com Cláudio Abramo, secretário da redação de legendária competência profissional. E que, na exuberância do sangue italiano, era quem mais e mais alto falava.

Temperamentos fortes, não apenas diversos, mas contrastrantes, ajustavam-se nos atritos pela camaradagem do convívio de muitas horas que varavam madrugadas e pela mediação apaziguadora de dois opostos. O Julio, um tímido com alto senso de compostura e dignidade, fixava o estilo que marcaria fortemente o longo exercício da direção. Cordial sem exageros, desde a maturidade dos 30 anos definia-se no formato definitivo. A noção de comando sem ostentação, nítida, afirmando-se na rapidez das decisões e na determinação em sustentá-la.

Aprendi muitas lições nos 21 anos em que *O Estado de S.Paulo* foi meu principal meio de vida. Uma excelente escola profissional, na amplitude das diferentes situações.

Nas muitas circunstâncias da rotina e das suas exceções, convivi com os quatro da mesa do centro da redação. Enquanto permaneceu no jornal, Cláudio Abramo foi o interlocutor direto entre a sucursal e a sede. E, até sua morte, cultivamos a amizade com os intervalos da gangorra do destino.

Carlão foi o diretor mais próximo da surcursal carioca. A carga de simpatia que irradiou na sua trajetória de cometa dissolvia resistências e encurtava distâncias. Mas, quando convocado a intervir, surpreendia aos que não o conheciam com a eficiência instantânea de soluções.

Ruy Mesquita integrou a pequena equipe, completada por mim e por Carlos Alberto Tenório, que cobriu a Conferência dos Presidentes, em Punta del Este, no começo do governo do presidente Costa e Silva. O estilo da casa impôs o modelo da dura semana de estafante cata de notícias, produzidas em reuniões simultâneas e encontros de bastidores. O diretor e os dois repórteres dividiam as tarefas em absoluta igualdade. Divergimos muitas vezes na escolha dos assuntos e dos enfoques. Sem fumaças de hierarquia. Nem precisava: Ruy Mesquita é um jornalista completo.

O doutor Julio Mesquita Neto exigia mais tempo para ser entendido. A timidez que se descobria em certos tiques da conversa, no virar o rosto para aliviar a tensão de raras divergências, confundia-se com a polidez de um homem educado. Nunca li artigo assinado pelo doutor Júlio. Não sei se apenas preferia não competir com os redatores ou se o brilho do texto do mano Ruy de alguma forma o intimidava.

Afinal, um detalhe sem importância. O doutor Julio foi um diretor que garantiu seu lugar de honra na história da empresa.

Nas comemorações do centenário do *Estadão*, a Associação Brasileira de Imprensa dedicou uma semana em homenagem ao jornal. Julio Mesquita Neto, como diretor, abriu a série de palestras. Percorremos juntos, caminhando pelas ruas de um Rio que já não mais existe, a razoável distância

entre a Rua da Quitanda, esquina de Rua São José, onde funcionava a sucursal, e a Rua Araújo Porto Alegre, sede da ABI. Dissimulando a emoção, procurando relaxar os nervos tensos pela responsabilidade de falar em público, o doutor Júlio deixou escapar, em tom de confidência, observação que reflete a exata noção de seus deveres nos ásperos tempos de arbítrio e violência:

— Estou pensando na alegria que Papai sentiria se pudesse estar aqui vendo o jornal no auge do prestígio, da influência e da autoridade, reconhecidas e festejadas por todo o país.

O doutor Julio Mesquita Neto estava sendo absolutamente justo. Com o jornal. E com ele próprio. Pois, aquele foi um desses raros instantes em que a redação se identifica com a chefia e com ela se funde na resistência ao governo que se perdia na escalada da violência.

Não se pode escrever a história do período de trevas sem consultar a coleção do *Estado* e do *Jornal da Tarde*. E sem levantar os testemunhos dos que viveram, dos dois lados, aqueles tempos vergonhosos. A direção liderou a rebelião contra a censura. Não se submeteu à humilhação da autocensura. Forçou a presença do censor na redação para o constrangimento de vetar matérias consideradas inconvenientes. Tentou deixar em branco o espaço das matérias censuradas. Mas as manchas vazias nas páginas maculadas pela brutalidade gritavam a denúncia contra a boçalidade com repercussões insuportáveis. A censura curvou-se ao desafio da substituição dos textos vetados pelos versos de *Os Lusíadas* de Luiz de Camões ou pelas receitas da criatividade do *Jornal da Tarde*.

Por trás da imprensa amordaçada, campeou solta, tolerada, consentida e estimulada a tortura nos porões da repressão. A sucursal carioca do *Estadão* passou a ser ponto obrigatório da romária dos parentes, amigos e parceiros dos que caíam nas batidas de todos os dias. O simples registro da prisão, com nome, local, era o máximo a que se podia aspirar nas circunstâncias. Se não livrava a tortura da rotina, dificultava o desaparecimento.

O Estado de S. Paulo foi a mais ousada trincheira de resistênia e de protesto. Sustentando a linha definida e comandada pela firmeza e a bravura do doutor Julio Mesquita Neto. E foi um privilégio, uma orgulhosa distinção profissional participar da equipe sob sua liderança.